

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP Class.: 158  
Data 26/03/75 Pg.: \_\_\_\_\_

# Funai mudará ação no AM

**CARLOS DE OLIVEIRA**

Enviado especial

Uma reformulação total da política de assistência às populações indígenas do Baixo Amazonas será proposta ao presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, assim que a equipe que pesquisa a região retornar a Manaus, onde discutirá os resultados do trabalho realizado. As sugestões visam a cobrir as deficiências da Delegacia Regional da Funai em Manaus, que ignora totalmente a realidade do Baixo Amazonas. Uma das propostas mais importantes deverá ser a de criar uma linha regular de barcos que, bimestralmente, percorrerá os postos da região para levar provisões, combustível, assistência médica e dentária, além de transportar os produtos indígenas para serem vendidos em Manaus.

A equipe deverá propor aos dirigentes da Funai a inclusão de elementos saídos das escolas de Agricultura nos postos indígenas do Baixo Amazonas, onde poderiam cuidar de todo o trabalho burocrático e, depois de participarem de cursos especiais, poderiam dar aulas, pois é grande a falta de professores

qualificados. Esses elementos centralizariam as funções que antes pertenciam ao chefe do posto, atendente de saúde e professor. Essa sugestão objetiva uma reformulação no trabalho dos chefes dos postos indígenas.

A inclusão de técnicos em Agricultura na chefia dos postos indígenas do Baixo Amazonas deverá resolver um outro problema importante: os índios da região, quase todos praticamente integrados, não plantam sequer para a própria subsistência. Comumente, passam o tempo esperando pelos suprimentos da Funai. Por outro lado, compram alimentos dos regatões que circulam pela região, sofrendo prejuízos nos negócios que realizam, pois chegam a trocar um latão de castanhas, que vale 80 cruzeiros, por dois litros de farinha.

Além de suas tarefas como chefe do posto, o técnico em Agricultura se encarregará de dar orientação aos índios para que desenvolvam culturas de subsistência e procurará evitar trocas prejudiciais, como as que são efetuadas com os proprietários de regatões. Todos os postos visitados pela Equipe do Baixo Amazonas, sem exceção, tinham suas economias estagnadas por causa da apatia dos índios. Segundo o coordenador da

equipe, João Crisóstomo, somente intenso trabalho de orientação prática, "deixando um pouco de lado teorias de antropólogos e linguistas", poderá mostrar ao índio o caminho de sua própria manutenção.

A Equipe do Baixo Amazonas vai propor que seja desenvolvida em maior escala a cultura do guaraná, pois os índios da região que cultivam essa planta alcançaram um estágio mais elevado de vida, tendo barcos e motores que ajudam na comercialização da produção. No entanto, poucos são os que plantam o guaraná. Alguns índios apresentam justificativas absurdas para não cultivarem essa planta. Segundo o capitão da aldeia do posto indígena de Marau, ele ainda não havia plantado o guaraná porque estava lá muito pouco tempo (onze anos) na aldeia.

Segundo as primeiras conclusões da Equipe do Baixo Amazonas, o verdadeiro culpado pela péssima situação nos postos indígenas é a própria Delegacia Regional da Funai em Manaus, que desconhece a região, não podendo desenvolver programas de assistência mais eficientes. Um exemplo da desinformação da Delegacia: o roteiro que ela forneceu à equipe que trabalha na região contém uma série de

erros; postos que, segundo a delegacia, demorariam 36 horas para ser alcançados, foram atingidos em menos de 10 horas. A equipe concluiu que toda a região é perfeitamente navegável, sendo que todos os postos poderiam ser percorridos em oito dias de viagem.

Como as informações arquivadas pela Delegacia Regional não correspondem à situação real, há tribos que ficam meses sem contato com os elementos da Funai. Para a Equipe do Baixo Amazonas, a colocação de linhas regulares de barcos, de dois em dois meses, poderá melhorar a assistência aos postos indígenas, desde que os técnicos agrícolas consigam desenvolver a agricultura de subsistência. Esses barcos seriam usados apenas para o transporte de material de manutenção do posto. O desenvolvimento comunitário seria um problema quase que exclusivo dos postos, havendo pouca interferência da Funai. Por outro lado, os regatões, atualmente um mal necessário, deixariam de existir.

O presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, que ontem esteve na cidade de Paritins em contato com a Equipe do Baixo Amazonas, aprovou, em princípio, as sugestões apresentadas e mostrou-se surpreso com a desinformação da Delegacia Regional do órgão.

O general Ismarth esteve também em Boa Vista onde anunciou a criação da primeira cooperativa a funcionar em área indígena, no posto Boca da Mata, e a transformação da fazenda São Marcos numa indústria de laticínio e manufatura de produtos derivados do couro. O objetivo dessas medidas é promover a rápida integração do índio em adiantado estágio de aculturação à sociedade nacional, conforme a política oficial da Funai.

O presidente da Funai informou que a cooperativa deverá beneficiar 510 índios Macuxi e Taupang e será a primeira experiência nesse campo realizada sob a responsabilidade do órgão que dirige. Quando a implantação de uma indústria na Fazenda São Marcos, esclareceu o general que a Funai irá propor convenios com órgãos federais com o objetivo de instalar nesse local uma oficina-escola para a formação de mão-de-obra indígena que seria utilizada para o trabalho com o couro e com o leite.

Essas duas medidas, segundo, o presidente da Funai, representam o passo mais importante dado "no sentido de eliminar o paternalismo para com os grupos indígenas da região", que serão emancipados economicamente.